

6

Considerações finais

Os estudos sobre a relação pais/filhos são em muito maior número do que os que enfocam a relação fraterna. Dentre estes, por sua vez, as situações de competição, ciúme, ódio e rivalidade são enfatizadas. A literatura a respeito da amizade e da solidariedade entre irmãos ainda é relativamente escassa.

A literatura especializada trata o nascimento do segundo filho, a chegada do irmão, como o surgimento de um estranho que invade, usurpa e transtorna a “harmonia familiar”, o que poderia trazer como consequência o despertar de sentimentos hostis e destrutivos. O complexo fraterno, embora tenha vida própria e não se limite a ser um deslocamento do complexo edípico, vai ser inseparável, entretanto, do vínculo parento-filial e vários fatores tais como gênero, diferença de idade, intervenções parentais e temperamento infantil vão interferir na relação fraterna para facilitá-la ou dificultá-la. A posição que cada irmão ocupa na fratria vem sendo privilegiada, desde Freud, por vários autores como sendo determinante para sua história de vida. Pensamos, porém, que esta não deve ser considerada em seu valor absoluto, como responsável pelo desenvolvimento de cada sujeito.

O complexo fraterno vai ser de fundamental importância, tanto na estruturação da vida psíquica individual do sujeito, como na de sua vida social. A dinâmica vincular surgida entre os irmãos é passível de vir a determinar em grande parte o destino de suas vidas e de seus descendentes. No âmbito social, as influências deste complexo podem se manifestar nas relações ambivalentes de crueldade/solidariedade entre os diversos povos, relações essas que resistem ao tempo e à história.

O fato de haver uma tendência a privilegiar a relação de inveja, ciúme e rivalidade entre irmãos não diminui a importância que a fratria, através da função fraterna, desempenha na estruturação familiar e social, pois os irmãos vão ser muito importantes uns para os outros na construção de suas personalidades. Através da percepção das diferenças e semelhanças, cada um vai poder se perceber enquanto sujeito. A família provê a experiência básica de viver em grupo e os irmãos, além de despertarem os sentimentos de ciúme e inveja, são também objetos de amor. Em alguns casos, principalmente se as figuras parentais são

deficitárias em seus papéis, eles podem se constituir em importantes objetos de identificação. Em caso de falta dos pais, podem vir a se constituir ainda em uma rede de apoio uns para os outros. Podemos observar como isso funciona em casos de adoção, em que se dá preferência a que não se separem os irmãos a serem adotados. O vínculo fraterno vai se formar na continuidade do tempo, pois ao longo de nossa vida é provável que dividamos com nossos irmãos, por mais tempo do que com qualquer outra pessoa, a nossa história, nossas vivências, experiências e lembranças. A vida na fratria vai possibilitar ainda a cada um experimentar a socialização antes de vivenciá-la com o outro estranho, na pracinha, na creche ou na escola. A fratria vai precisar, porém de regras, da Lei, para evitar o livre arbítrio irresponsável.

Observamos, na contemporaneidade, o surgimento de grupos e ONGS que têm como objetivo dar apoio e solidariedade, numa tentativa de contrapor a fraternidade à violência vigente, segundo o modelo do bom relacionamento entre irmãos.

Encontramos, entretanto, com mais facilidade, na literatura da área assim como na nossa experiência clínica e na vida social, exemplos de competição, rivalidade, inimizade entre irmãos do que exemplos de amizade e solidariedade. Essa constatação nos faz pensar se o companheirismo entre irmãos, quando ocorre, é elogiado por não ser considerado normal (no sentido de norma, média), por ser o contrário do esperado. Perguntamo-nos se, nesse caso, os valores da fraternidade são deslocados para os amigos, “os irmãos escolhidos”.